

GOBINEAU E O BRASIL

CARLOS STUDART FILHO

No rol dos letrados europeus que, em diferentes épocas, visitaram o Brasil ou aqui exerceram funções públicas, de maior ou menor relevância, merece figurar, com especial destaque, o nome aurelado de José Arthur de Gobineau, sábio francês de grandes méritos intelectuais e aristocrata da mais pura linhagem. Membro do corpo diplomático, serviu Gobineau no cargo de Ministro da França, no Brasil, de março de 1869 a fevereiro de 1870, época em que era presidente do Conselho o Visconde de Itaboraí.

Durante a curta estada no Rio de Janeiro, como desafogo às suas mágoas e atribulações, escreveu, a parentes e amigos da outra banda do Atlântico, cartas que muito nos desabonavam e isso lhe tem valido a animosidade dos nossos literatos.

Assim, não é de admirar que Paulo Filho — jornalista cuja opinião reflete, ao que presumimos, a maneira de pensar da maioria dos homens de imprensa do país a respeito daquele titular, — em artigo, publicado há tempos no “Correio da Manhã”, sob o título “As cartas de Gobineau”, volte a acusá-lo com acrimônia e sem reboço de ter sempre manifestado profunda aversão à nossa terra, sentimento que considera injusto e desarrazoado.

“Homem de letras e erudito, escreve o jornalista, andou pelo Oriente e esteve em Atenas. A convivência com os bárbaros asiáticos (?) não o habilitou a compreender melhor a civilização americana e a prova é que sua frequência à corte de S. Cristóvão e seus passeios em Petrópolis e Juiz de Fora, mimado e festejado pelo Imperador D. Pedro II, não o fizeram esquecer as terras desertas e áridas que deixara, e dos quais só se recordava para deprimir a paisagem deste lado do Continente.” (?)

E prossegue: “Passando pela Bahia, Gobineau afirma que só viu negros “Bahia, est la ville du Brésil ou il en a le plus, les uns esclaves, les autres libres”.

Não conhecemos as cartas de Gobineau e, por isso, impossível emitir sobre elas um juízo objetivo e razoável. Pelos excertos, publicados por Paulo Filho, parecem-nos porém um depoimento interessante e, sobretudo, muito aproximado da verdade.

Da defesa do acusado, apoiando-lhe a afirmativa categórica, de que só viu negros no decorrer de sua permanência em Salvador, fala o próprio articulista quando diz: “A estiva da Bahia sempre foi feita por negros. Ainda hoje, em grande parte, na maioria talvez, são de cor os indivíduos que a esses trabalhos se dedicam. O escritor em trânsito viu-os nos saveiros e no cáis. Teve logo a idéia da pretidão generalizada, o que num itinerante comum se explicaria mas num pensador e criador de teorias antropológicas não é de perdoar-se”.

E porque não? perguntamos nós. Acaso o fato de alguém escrever livros, expondo teorias de alto valor científico, e ser escultor, poeta e historiógrafo, empresta, a esse alguém, dons divinatórios? Gobineau era um sábio na mais larga expressão do vocábulo. Conhecia, sem dúvida, perfeitamente bem, através dos livros que lera, a composição étnica da gente baiana. Sabia a percentagem de brancos nela integrados. Mas os fatos aí estavam para desmentir tudo que aprendera. Como, pois, afirmar que a antiga capital da Colônia era habitada por uma população europeia, quando viu apenas negros vagando pelas ruas da cidade-baixa? Impossível, evidentemente.

A aversão do diplomata pelo Rio de Janeiro e seus desabafos epistolares são também explicáveis se levarmos em conta a situação moral e o estado de espírito em que se encontrava quando aqui chegou.

Anteriormente Ministro em Atenas, ali vivera, pode dizer-se embevecido na contemplação dos venerandos mo-

numentos que, apesar de destroçados, ainda rebrilham gloriosamente sob o céu da Ática. Partia as suas atividades entre o exercício de deveres sociais e diplomáticos extremamente suaves e o estudo das coisas do passado. Seu grande anseio era então obter o lugar de embaixador em Constantinópolis. Conhecia, diz-nos o seu biógrafo, a fundo os turcos e o problema oriental; falava corretamente as línguas que se cruzam sobre o Bósforo e, por isso, julgava-se merecedor do cargo.

Quando o marquês de Moustiers, Ministro do Exterior da França, o designa para um posto no Rio de Janeiro, julga-se ludibriado; ondas de amargura o envolvem; o fel do despeito o empolga.

Como prêmio a seus méritos e serviços, mandam-no para uma terra distante, misteriosa e selvagem. Quem em tal situação não desesperaria?

Depois, está só no Brasil e sente-se desamparado. A família permanecera na Europa. Clemência, a esposa, e Cristina, a filha menor, estão em Trye, solar que a generosidade tardia e testamentaria do tio, Thiban-José, permitira adquirir em chãos da Normandia. A primogênita que, em Atenas, desposara o barão Guidencrone, vive agora na Dinamarca.

Nada resta, pois, para amenizar-lhe as agruras do desterro; nem as brilhantes recepções, que costumava proporcionar a seus íntimos em Atenas, Teheran e no Hanover, nem as ruínas milenárias que juncavam as terras, onde servira antes, e que lhe haviam despertado a atenção cuidadosa de sábio e os entusiasmos de artista.

O paço de S. Cristóvão nada tinha de suntuoso e deve ter parecido uma vivenda burguesa e chã, a esse aristocrata requintado, familiar das cortes européias e conviva assíduo das Tulherias, onde a imperatriz Eugênia de Montijo pavoneava triunfante a sua graça e beleza dominadoras.

Apenas a quebrar a monotonia do ambiente de crepúsculo que o envolve, palestras íntimas com o magnâni-

mo e esclarecido Bragança e passeios solitários pelas estradas poeirentas e ermas dos arredores cariocas. Assim, é natural que, de nenhum modo, se sentisse inclinado à simpatia pelo nosso povo, nem atraído pela natureza brasileira, agreste, embora cheia de esplendores.

Mas as hostilidades de Gobineau contra a nossa terra não se explicam apenas; justificam-se plenamente. Na época em que ele por aqui surgiu, vivíamos num pavoroso atraso.

O Rio era uma cidade insuportável, mergulhada na sujeira e desvastada por mortíferas epidemias. O tifo, o paludismo e a febre amarela, esta sobretudo, abriam terríveis claros demográficos. Suas ruas, estreitas e tortuosas, viviam entulhadas de negros e mulatos, de veículos e de animais de carga, mormente nos bairros praiheiros, onde o comércio era mais intenso. As belezas arquitetônicas que hoje lhe conhecemos, as avenidas bem rasgadas, largas e pavimentadas, os pontos de atração turística, criados pelos urbanistas e que lhe valeram o apelativo de "Cidade Maravilhosa", datam apenas da administração Pereira Passos.

Quem tiver a ocasião de ler a descrição que da capital do império fazem viajantes estrangeiros que então a visitaram, ou de compulsar cartas estampas da época de Rougendas ou de Debret, verá isso facilmente e concordará, sem dúvida, com a opinião do exilado francês, homem que sempre sentiu horror à mediocridade. (*)

* * *

Mas não foi apenas isso. Gobineau não escreveu unicamente cartas dando a conhecer o seu menosprezo pelas gentes e terras brasileiras.

Cometeu, no entender de alguns dos nossos intelectuais, outro grave erro, um verdadeiro crime, por eles julgado imperdoável.

(*) Esta parte do trabalho é a transmissão, quase integral, do artigo "As cartas de Gobineau" que há vários anos publicamos no ESTADO.

Publicou o *Essai sur l'inegalité des races humaines*, obra de farta erudição que aparecida em Paris, no ano de 1854, logo teve, em Nova Iorque, uma edição inglesa. Nesse livro, de muitos conceitos ousados, o autor defende, com brilho, arrojo e convicção, a tese esdrúxula, já àquele tempo, mui cara aos europeus, da superioridade da raça branca sobre os outros grupos raciais, superioridade que, no pensar dele, mais se tornava evidente, quando o branco puro era posto em confronto com mestiços, quaisquer que fossem as suas origens raciais. A esses indivíduos, Gobineau considerava criaturas ordinariamente abúlicas, de fraca inteligência e apoucada moral.

Em país, como o nosso, habitado por um povo oriundo não apenas da agregação de componentes étnicos mais ou menos puros, mas igualmente fruto de intensa miscigenização tais conceitos foram, como era de esperar, recebidos com a maior repulsão. Consideram-nos, até, uma grave afronta feita aos brios de nosso povo, afronta que jamais deveríamos esquecer.

Daí, a revolta que empolgou os nossos homens do saber, muitos dos quais saíram a contestá-los com determinação e vigor.

No número dos que desse modo procederam, contavam-se sábios do estofo moral de um Roquette Pinto e polígrafos do porte de Afrânio Peixoto, para mencionar apenas aqueles que maior afã demonstram em desagrar-nos.

“A Mina de Gobineau”, trabalho que o último dos escritores mencionados deu a lume na *Revista da Academia de Letras* (N.º 65, ano 42, Rio, 1943. Pp. 3-19) bem reflete, nas ironias dos conceitos e reticências das frases, a pouca valia em que o mestre baiano tinha a cultura desse francês ilustre.

A linguagem de Roquette Pinto, quando alude aos trabalhos e realizações de Gobineau, embora menos causticante, deixa perceber de maneira clara a sua repulsa à pessoa,

obra e teoria antropológicas, defendidas pelo aristocrata gaulês. Positivista, a quem poderíamos chamar ortodoxo, Roquette Pinto não podia, na verdade, deixar de lhe ser radicalmente infenso.

“A base dessa doutrina, afirma ele em **Seixos Rolados** (Rio, 1927), é o conceito da hierarquia das raças, um dos temas prediletos do diletantismo científico.

Diversificam-se, efetivamente, as raças humanas nos atributos do corpo todo e o cerebral de cada não permite que se as considerem no mesmo grau de semelhança. Até aí, todos estão de acordo. Onde, porém, a dissidência começa e os erros se avolumam de um lado, é na seriação dos tipos, porque a verdade é que elas se deferenciam no mesmo nível.

As raças são desiguais como as radiações do espectro.

Do vermelho ao violeta, todos os raios ocupam o mesmo plano.

É inegável que há raças mais **inteligentes**, outras mais **sentimentais** e terceiras mais **pertinazes**. Também no espectro, há raios caloríficos, raios luminosos e raios actínicos... (página 288).

Mas não apenas no Brasil as idéias de Gobineau foram formalmente repelidas. Também na Europa, rejeitaram-nas sábios do melhor quilate, entre os quais emerge sobranceira a figura a mil títulos respeitável de Alexandre Humboldt. O homem que, no dizer de Simão Bolivar, “fez mais pela América do que todos os conquistadores”, o gênio que foi comparado a Péricles e a Leonardo da Vinci e escreveu essa obra imperecível que é o *Cosmos*, assim expressa o seu repúdio:

“Nous faisons plus qui” affirmer l’unité du genre humain; nous inscrivons en faux contre toute desagréable croyance à la superiorité de certaines races, et l’infériorité de certains autres.

Il y a des souches ethniques plus perfectibles, il y en a des plus perfectionnées, il y en a pas que soient plus nobles que d' autres. (*)

* * *

Apesar de combatidas, as idéias de Gobineau continuaram vivazes em todo o mundo ocidental. Até entre nós, foram aceitas e tiveram partidários convíctos, sendo um dos seus notáveis prosélitos o grande Euclides da Cunha. Deu-nos ele, com efeito “a mais formidável página pessimista sobre o valor negativo do mestiço”.

“A mistura de raças mui diversas, escreveu, é, na maioria dos casos, prejudicial. O mestiço é, quase sempre, um desequilibrado; os nossos em particular, mulatos, cafuzos ou mamelucos, são decaídos sem a energia dos ascendentes selvagens, nem atitude intelectual dos ascendentes europeus. Espíritos fulgurantes, ás vezes, mas frágeis, inquietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo prestes, esmagados pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida. Quando são capazes de grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstratas, todo esse vigor mental repousa (salvo exceções) sobre uma moralidade rudimentar em que se sente o automatismo impulsivo das raças inferiores.”

A esses conceitos lapidares, Roquete Pinto classificou com justa razão de heresias antropológicas...

* * *

No meio intelectual do Velho Mundo, Gobineau granjeou, desde logo, discípulos e seguidores entusiastas. E era natural que desse modo ocorresse porque os conceitos que ele expendia e propalava, em seu livro, consubstanciavam,

(*) (Apud L. Gumplowicz. La Lutte des Races. Paris. 1896. P. 47)

de certo modo, o próprio sentir de certas gentes européias, cujos líderes, em todo o tempo, lhes vinham inculcando idéias de grandeza e a convicção de sua superioridade étnica.

O poder místico, a que Hegel chamou “espírito do Mundo”, muitas nações européias julgavam encarná-lo...

Aliás, o culto da força, o desprezo pelos fracos e o preconceito de superioridade do homem branco sobre os integrantes dos outros grupos raciais puros ou mestiços, o mito de sua predestinação ao governo do mundo, sempre foram caros aos povos brancos do Antigo Continente, fossem eles ingleses, germânicos, franceses, ibéricos ou nórdicos.

Sem admitirmos, como verdadeiro, a existência neles da íntima certeza do seu próprio valor e da persuasão de terem sido talhados para gloriosos destinos, como explicar a epopéia magnífica dos descobrimentos oceânicos e o desabrochar do imperialismo europeu que, com o correr dos séculos, alargou, por meio da força das armas e do poder da astúcia, o seu avassalante domínio por sobre os quatro cantos do orbe; imperialismo cujo esboroamento veio, aliás, por em evidência aquilo que as invasões amarelas e semitas da Europa já haviam em parte revelado ou, seja, o vigor, a pertinácia e a inteligência de outros grupos étnicos, não europeus, derruindo, assim, os postulados racistas.

* * *

Dentre os muitos homens de saber do século XIX, que esposaram as opiniões de Gobineau, no tocante á desigualdade das raças humanas, e as propalaram, apontaremos apenas Benjamim Kidd, autor de *L' evolution social* (Paris, 1896) e M. Luís Gumplowicz, que publicou *La Lutte des Races* (Paris, 1893).

No propósito de evidenciar a justeza de seus pontos de vista e ressaltar a inépcia dos mestiços, em geral, o primeiro daqueles sociólogos traçou o tenebroso quadro do compor-

tamento político, social e econômico dos povos latino-americanos, que a seguir transcrevemos.

Fazemo-lo, no propósito único de deixar claro quão diferente, era a opinião que, sobre o nosso país e nosso povo, tinham certos letrados europeus do século que passou, e aquela que hoje expressam viajantes, economistas, sociólogos e banqueiros que tão amiúde nos visitam. Entre os Benjamins Kidds e os Romacs Rockfelleres, os Orviles Freemans, os Hermans Kahns, os Carlos Chambruns e tantos outros que enaltecem as nossas grandezas e proclamam as nossas auspiciosas possibilidades econômicas. Assim, se evidencia o quanto temos progredido apesar da nossa mestiçagem...

“No centro e no sul do continente americano, diz Kidd, o espetáculo é ainda mais sugestivo, os espanhóis e os portugueses lá possuíram, em regiões mais ricas do mundo, três quartas partes do continente que se alonga ao sul dos Estados Unidos.

Hoje, esses países que guardaram as formas exteriores de governo trazidas por europeus, parecem sair, pouco a pouco, do ambiente da nossa civilização. Nós nos habituamos a pensar que eles são habitados por europeus e fazem parte de nossa civilização ocidental, hábito que deve se ter originado da tendência de assimilar aos Estados Unidos todas as colônias européias que se tornaram independentes. Nada justifica, porém, semelhante maneira de pensar. Nas 22 repúblicas que ocupam essas regiões, mais de 3/4 da população descendem dos índios autóctones ou de negros importados, ou de raças mestiças. Os brancos de raça pura ficaram reduzidos a um pequeno número em poucas gerações, em virtude de não recorrerem ao elemento estrangeiro. Eles vão diminuindo gradativamente de número e tendem, mais e mais, a se aliarem às gentes “de cor”.

Nós devemos prever o momento em que esses países serão quase exclusivamente povoados de índios e negros. (pp. 298-299).

Mais adiante, na página 300, prossegue:

“A história dos seus governos é, por toda a parte, o mesmo. As leis escritas, as constituições são modelares; nos homens, porém, encontra-se sempre a mesma ausência total desse sentimento de dever privado e público que, em contraposição, distingue os povos que atingiram um grau elevado de desenvolvimento social. A corrupção, em todas as suas modalidades, as bancarrotas, as revoluções políticas incessantemente renovadas, eis o balanço de vida pública; o estado de permanente incerteza e tendo, como resultado inevitável, a falta de energia e de iniciativa, a estagnação comercial. Esses países se situam entre os mais ricos do mundo sob o ponto de vista dos recursos naturais. E, não obstante isso, a atividade dos europeus acabou sendo deles praticamente excluída, como ocorreu na China.”

Do autor citado é ainda o trecho seguinte:

Os que põem em dúvida os perniciosos efeitos da mistura das raças e são tentados, por uma falsa filantropia, a lançar por terra as barreiras que existem entre elas, deveriam ir ao Brasil. Ser-lhes-ia impossível negar a decadência resultante dos cruzamentos que ocorrem no país em maior escala do que em qualquer outro. Veriam que essa mistura, apesar das melhores qualidades seja do branco seja do negro, seja do índio, produz um tipo de mestiço indescritível cuja energia física e mental enfraqueceu.

Quanta inverdade!

* * *

Vistas à luz do pensamento moderno, as afirmativas de Gobineau e de seus seguidores consubstanciam, sem nenhuma dúvida, erros palmares; os pareceres do ilustre francês são hoje inaceitáveis. Tenha-se, porém, presente, serem as idéias que ele expendeu, o produto do saber de uma época e não apenas, como entre nós se pretende, mal alicerçada verrina contra povos, social, político e economicamente menos evoluídos do que os europeus e seus rebentos norte-americanos, povos, entre os quais estávamos incluídos